

## LISTA DE PROJETOS APROVADOS NA SELEÇÃO DE AUXÍLIO À PESQUISA WENNER-GREN Edição 2021-22

Anunciamos com grande satisfação os projetos beneficiados com a segunda edição do edital Wenner-Gren Foundation- PPGAS/MN

**Ana Paula Santos Rodrigues | “*Palavra é coisa viva: uma etnografia da poesia Xakriabá*” | Orientada por Bruna Franchetto**

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa é realizar uma etnografia da poesia Xakriabá, levando em conta tanto a produção poética feita em português, quanto os aspectos relacionados à retomada da língua originária, o akwén (tronco macro-jê). Os Xakriabá são o povo indígena mais populoso de Minas Gerais e seu território está localizado ao norte do estado, no município de São João das Missões. Resistindo há séculos de contato com povos colonizadores e tendo sua indianidade constantemente questionada, os Xakriabá trazem na poesia um de seus principais traços identitários. Seus poemas são produzidos nos mais diversos momentos, das festas de casamentos às atas das reuniões comunitárias e são uma forma de sociabilidade e de indigenizar os locais por onde passam, como a academia e movimentos políticos. É possível notar, também, que a poesia faz parte de um movimento que criou um português típico, num processo de contracolônização dessa língua, imposta muitas vezes através da violência. Ao pesquisar a poesia Xakriabá através do método etnográfico busco respeitar o fato de que essa arte é enraizada, ou seja, não pode ser compreendida se arrancada do território e da vida comunitária. Os principais temas abordados por essa pesquisa são as relações entre literatura e ambiente, a escrita e a oralidade entre os povos indígenas, a poesia como forma de fortalecimento dos discursos políticos e a revitalização linguística.

**Anahi Chaparro Ortiz De Zevallos | “*Tecendo relações. Pensando o gênero com mulheres Kichwa Lamista da bacia do rio Mayo (Peru)*” | Orientada por Edmundo Marcelo Mendes Pereira**

**Resumo:** A pesquisa proposta visa refletir sobre as relações de gênero entre os Kichwa Lamista que habitam na bacia do rio Mayo, no sopé da Amazônia peruana, ao seguir os traços dos tecidos que elaboram as mulheres, em especial, dos cintos de diferentes tamanhos, chamados *chumbi* e *watu*. Estes tecidos moldam os corpos e relações das *warmi* e *ullku runakuna* (pessoas mulheres e homens) Lamista de diferentes formas. A pesquisa focará nas relações que se constituem a partir da confecção e circulação dos tecidos dentro e fora das aldeias, considerando a capacidade criativa das mulheres nestes processos. Para isso, me centrarei nos seguintes aspectos: na criação do algodão do qual são elaborados os fios – que também têm usos medicinais relacionados à saúde sexual e reprodutiva – e dos corantes utilizados; nas relações de transmissão de conhecimento para reproduzir e criar desenhos, que incluem tanto às parentes quanto aos animais e os outros seres tecidos nos cintos; na circulação de tecidos como presentes e como mercadorias; e nas noções de corpo, criação, gênero, força, beleza, conhecimento e criatividade que estão em jogo. Nesse sentido, a proposta visa pensar junto com as mulheres Kichwa Lamista sobre as relações com os outros desde sua perspectiva.

**Daniela Ramos Petti | “*Casas e dinâmicas econômicas nas periferias urbanas em tempos de pandemia*” | Orientada por Federico Neiburg**

**Resumo:** Ao reconfigurar dinâmicas econômicas, a pandemia de covid-19 agravou as velhas e estruturais desigualdades sociais no Brasil, afetando, especialmente, domicílios vulneráveis. As medidas de restrição de mobilidade e isolamento social impactaram diretamente as possibilidades de moradores de periferias urbanas manterem suas casas e famílias. Essa pesquisa tem como objetivo investigar os impactos da pandemia sobre a vida cotidiana de famílias de periferias urbanas brasileiras, a partir de pesquisa etnográfica a ser realizada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. A casa, ponto de conexão entre intimidade, dinâmicas econômicas e políticas públicas, é tomada como *lócus* da etnografia. As redes de ajuda, as formas de cuidado, o acesso a políticas sociais, assim como as formas de se ganhar

a vida e as temporalidades das decisões domésticas, são reorientadas na crise. Entender como as temporalidades extraordinárias da pandemia se articulam à vida ordinária, a partir da análise do que se passa dentro das casas de famílias que habitam periferias urbanas, é o foco da presente pesquisa. A etnografia será realizada junto a famílias que moram em um condomínio popular do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), com as quais cultivo laços de pesquisa e amizade desde 2018 (período em que residi no local para realizar minha pesquisa para a dissertação de mestrado).

**Leonardo Nascimento Da Silva | “*Já me transformei em imagem: poéticas e políticas da/na arte visual Huni Kuin (Pano, Acre)*” |**

**Orientado por Aparecida Maria Neiva Vilaça**

**Resumo:** Diante da crescente presença de artistas indígenas expondo seus trabalhos em renomadas instituições e figurando nas listas dos principais prêmios de arte do mundo, este projeto surge de uma inquietação intelectual: “nós”, não indígenas, somos capazes de ver aquilo que estes artistas exibem ou, ao contrário, estamos enxergando apenas variações de nossas próprias imagens e representações culturais? Para tentar responder à questão, busco investigar, através do trabalho de campo de longa duração, o papel das imagens na sociocosmologia huni kuin, povo que integra a família linguística Pano e habita a região ocidental da Amazônia, na fronteira do Brasil com o Peru. Desde a década de 1990, os Huni Kuin vêm se apropriando das tecnologias dos brancos e produzindo filmes, desenhos e pinturas que circulam pelo mundo, pondo em prática o que chamam de “política dos artistas”. O motivo que me atrai para o estudo com esse povo, além do protagonismo que seus artistas exercem no campo da arte contemporânea, é a complexidade visual de sua cosmologia. Considerando o desenho como elemento fundamental da vida social, os Huni Kuin se autotransformam como *huni keneya* (povo com desenho), partilhando tal qualidade com seres da floresta que, como os humanos, possuem a capacidade de mudar de forma.

**Lucas Odilon Dos Anjos Noel Da Silva | “*Ambiguidades da proteção: o ‘refúgio LGBTI’ no Brasil a meio caminho das democracias sexuais e do*”**

## **‘neoconservadorismo’ | Orientador por Antonio Carlos De Souza**

### **Lima**

**Resumo:** Proponho uma investigação antropológica que tem como objetivo descrever e analisar mecanismos de produção e gestão de populações ditas “vulneráveis” no Brasil contemporâneo a partir de um caso em específico: o dos/as “refugiados/as LGBTI” (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexo). Considerando a posição ambivalente do Brasil, que é simultaneamente um país de destino e de origem de imigrantes cis-hétero dissidentes, me pergunto como tem se dado a produção desses novos sujeitos de direitos em território nacional. Minha hipótese é que a construção discursiva do “refúgio LGBTI” no país proporciona uma entrada etnográfica capaz de revelar as ambiguidades que atualmente se colocam na relação entre as políticas sexuais e a governamentalidade. Sugiro então tomar a discussão de gênero e sexualidade no caso do refúgio sob o quadro mais geral dos direitos humanos, analisando este campo semântico como uma peça importante dos processos de formação de Estado e de construção de nações.

## **Marcus Antonio Schifino Wittmann | “Lugares, coisas e marcas do passado Yudja Juruna na Volta Grande do Xingu e a UHE Belo Monte” | Orientado por Carlos Fausto**

**Resumo:** Este projeto de pesquisa tem como objetivo estudar as percepções e interpretações indígenas sobre o patrimônio arqueológico. Para isso toma-se como estudo de caso o processo de licenciamento da Usina Hidrelétrica de Belo Monte na Volta Grande do Xingu, Pará. Os Yudja Juruna da Terra Indígena Paquiçamba, afetados diretamente pela construção da UHE, não foram consultados sobre as pesquisas arqueológicas efetuadas na região, e nem informados sobre os sítios arqueológicos encontrados e onde os materiais e objetos estão armazenados. Esta proposta abre caminho assim para estudar conjuntamente com essa etnia indígena suas percepções materiais do passado e as marcas ancestrais na paisagem. A Volta Grande do Xingu é o local de origem do rio Xingu e da humanidade segundo os Yudja Juruna, ambos tendo sido formados pelo sopro do demiurgo Sena’ã. Essa perspectiva analítica combina os estudos em etnologia amazônica

com a arqueologia e a antropologia da ciência, resultando em um projeto que emaranha as visões e interpretações indígenas colocadas em destaque com suas demandas políticas em um contexto de ataque a seus direitos.

**Maria Isabel De Oliveira Da Silva | “A invisibilidade do povo Kuevano e sua presença hoje: Uma etnografia da memória no alto Rio Negro” | Orientada por Carlos Fausto**

**Resumo.** A região do Alto Rio Negro, localizada na fronteira entre Colômbia e Venezuela, é atualmente habitada por 23 povos pertencentes às famílias linguísticas Tukano oriental, Aruak, Tupí, Naduhupi e Yanomami. É caracterizada como povos ameríndios ou amazônicos por sua diversidade étnica, cultural e histórica, mas também pela exogamia linguística, residência virilocal pós-matrimônio e descendência patrilinear. Essa ausência, desaparecimento ou apagamento motiva esta pesquisa como objetivo de produzir uma etnografia os processos de apagamento e resistência, que trace uma história ativa, onde os Kuevano não sejam silenciados, mas sejam co-agentes na história da região. A partir da descrição de suas trajetórias, e até mesmo de sua nostalgia, proponho investigação a partir das seguintes perguntas: i) quais são os motivos para o não reconhecimento desse povo, tanto por outros povos indígenas quanto pelo Estado brasileiro? (ii) O apagamento do povo Kuevano é acompanhado de sentimentos de medo e vergonha e imposição de estereótipos? (iii) Como foi construída a relação entre os Kuevano e os demais povos dos macrossistema do Alto Rio Negro? Pretendo fazer uma reconstrução desse povo no alto rio negro, com a ausência de referências na bibliografia e também dar evidência nos relatos de minha mãe, tios como também demais pessoas que se autodenominam *kuevano*.

**Maria Ximena Flores Rojas | “‘Nuestra fuerza awajún está haciendo que no nos tornemos cenizas’: HIV/aids e os doutores das plantas no povo awajún (Amazonia peruana)” | Orientada por Aparecida Maria Neiva Vilaça**

**Resumo:** Em 2002, os rumores de uma doença desconhecida começaram a se espalhar nas comunidades Awajún do distrito de El Cenepa. O HIV havia chegado a seu território. Em 2005, foi registrada a primeira morte devido a "sintomas de AIDS" e, desde então, esta condição tem sido uma das maiores preocupações das famílias Awajún que vêm os casos de morte precoce entre seus filhos se multiplicando. Esta pesquisa visa ampliar a compreensão das noções Awajún sobre HIV e AIDS no distrito de El Cenepa. As concepções de "bem-estar", "mal-estar" e "medicina" nos corpos Awajún combinam dimensões corporais, sociais e espirituais que se entrelaçam em suas experiências de doença (jata) e feitiçaria (waweamu). Longe de uma abordagem biomédica e epidemiológica, proponho realizar uma análise comparativa dos processos da doença Awajún na vida cotidiana; acompanhar as experiências pessoais e coletivas na busca da saúde; e especialmente, abordar a fitoterapia Awajún com o uso de plantas-gente como o Toé (*Brugmansia suaveolens*), uma planta que é criada e preparada pelas mães para que os filhos HIV-positivos se tornem fortes novamente. A chegada do HIV/AIDS desafiou a capacidade do Awajún de dar vida a seus filhos. Em resposta, as famílias Awajún implantaram uma rede de relacionamentos com plantas, espíritos e especialistas (biomédicos e não biomédicos) para conter estes perigos. A presença da COVID-19 no território awajún reforçou o interesse deste povo Awajún em tornar visíveis suas experiências de autocuidado. A força Awajún tem sido a garantia de que eles não se “transformarão em cinzas”.

**Mariam Tchepurnaya Daychoum | “Mulheres e Memória Coletiva entre os Tukano no Alto Rio Negro, Amazônia Brasileira” | Orientada por Carlos Fausto**

**Resumo:** Esta pesquisa é um estudo etnográfico sobre mulheres e memória coletiva junto ao povo Tukano (família linguística tukano oriental), no contexto de patrilinearidade, virilocalidade e exogamia linguística, característico na região do Alto Rio Negro (Amazonas, Brasil). Tem por objeto a fabricação, transmissão e inscrição da memória feminina. A investigação abrange três campos: o corpo feminino e suas espacialidades;

os saberes femininos como os cuidados com a pessoa, as roças, a culinária, as cerâmicas e os cantos; e o casamento. Não tomamos como dada a existência de uma memória coletiva única que seria o produto, sobretudo, de valores e práticas masculinas. Buscamos, ao contrário, compreender se e como opera um universo de memória feminino, constituído pelas mulheres estrangeiras. Para fins de contraposição entre o que seria uma memória coletiva dos homens e outra das mulheres, propõe-se uma abordagem deleuziana do tipo “maior”/“menor”, em oposição às abordagens clássicas do tipo “público”/“privado”.

**Valeria Alejandra Pérez Veja | “Os Yanomami no olhar de Bruce Albert: imagens de uma vida de relatos, relações e confrontos.” |**

**Orientada por Carlos Fausto**

**Resumo:** O projeto analisará mediante um modelo de pesquisa colaborativa a coleção fotográfica de Bruce Albert que resguarda imagens sobre os Yanomami entre 1975 e 1984. Junto aos Yanomami e o etnólogo-fotógrafo, buscaremos incorporar as categorias e práticas restritivas do grupo no que concerne a captura e a permanência da fotografia, incentivar a participação indígena na documentação e na produção de suas fotografias e repensar os exercícios de devolução de imagens as comunidades de origem denominados como repatriação visual. Uma seleção de fotografias desta coleção será digitalizada para devolver aos Yanomami. As narrativas e contra-narrativas -orais ou visuais- resultantes de sua observação serão fonte da documentação e ponto chave para decidir sobre o destino das imagens. Dado que o conceito de fotografia para os Yanomami está ligado a uma extensa tipologia de imagens e que seus rituais funerários implicam a destruição de fotografias das pessoas falecidas, a pesquisa dialoga tanto com estudos sobre grupos indígenas que apresentam uma concepção similar da fotografia e que reconhecem seu elemento patogênico e mortífero quanto com trabalhos sobre em que medida concepções e práticas indígenas orientadas ao esquecimento e ao apagamento de rastros desafiam os conceitos de memória e arquivo. O estudo forneceu elementos para debater o lugar que a fotografia tem na identidade, história, vida ritual e expressão artística yanomami, além de proporcionar um protótipo de documentação fotográfica útil para outros arquivos com imagens deste e de outros povos indígenas.